



MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA NO VOCABULÁRIO DO ESCRITOR JOÃO BRASIL

MEMORY, IDENTITY AND CULTURE
IN THE VOCABULARY OF WRITER JOÃO BRASIL

Eliane Pereira Machado Soares
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/CNPq (eliane@unifesspa.edu.br)

Resumo: Este trabalho resulta de uma pesquisa sobre o vocabulário da obra literária do autor memorialista João Brasil Monteiro, da cidade de Marabá, Estado do Pará, com o objetivo de estabelecer relações entre língua e identidade e a memória coletiva local. O referencial teórico e metodológico remete à análise léxico-semântica de lexias, organizadas em campos lexicais Coseriu (1979). A organização do vocabulário em si apresentará os verbetes em ordem alfabética, em campos semânticos, com as respectivas informações gramaticais, definições e remissivas, para tanto utilizaremos a ferramenta computacional Lexique Pro. Até o momento já foram identificados cerca de 600 itens lexicais.

Palavras-chave: Léxico; Linguagem Regional; Vocabulário.

Abstract: *This work results from a research on the vocabulary of the literary work of the memorialist author João Brasil Monteiro, from the city of Marabá, State of Pará, in order to establish relations between language and identity and local collective memory. The theoretical and methodological referential refers to the lexical-semantic analysis of lexias, organized in lexical fields Coseriu (1979). The organization of the vocabulary itself will present the entries in alphabetical order, in semantic fields, with the respective grammatical information, definitions and references, for which we will use the Lexique Pro computational tool. To date, about 600 lexical items have been identified.*

Keywords: *Lexicon; Regional Language; Vocabulary.*

INTRODUÇÃO

Há estreita relação entre linguagem, cultura e sociedade, sendo o léxico a expressão privilegiada disso, à medida que a língua retrata os conceitos produzidos socioculturalmente: a visão de mundo, os valores e as práticas de uma sociedade, enfim a mentalidade construída coletivamente por um grupo social, a partir de suas experiências particulares. Podemos encontrar tanto na língua falada quanto na escrita os “modos de dizer” próprio de um grupo social que podem diferir particularmente da língua comum de um mesmo país, o que se denomina “falares” ou “dialetos”, caracterizando a identidade linguística de um grupo social ou de uma região.

Neste artigo, apresentamos uma pesquisa que tem por objetivo conhecer o léxico marabaense por meio da obra de autores locais, os quais têm a preocupação de retratar a história e a cultura da região não somente como forma de expressão literária, mas também como registro. Assim, buscamos em seus trabalhos identificar as marcas linguísticas que podem ser consideradas características do falar local e, portanto, constitutivas da identidade cultural marabaense.

1 RELAÇÕES ENTRE LÉXICO E SOCIEDADE

No campo estrito da Linguística, entende-se que a linguagem como faculdade humana universal se situa no campo mais amplo da capacidade do ser humano de produzir, receber e compreender mensagens por diferentes meios e assim interagir em sociedade. A língua, por sua vez, é entendida como forma privilegiada e mais complexa, pois sua aquisição, funcionamento e uso abrangem diversos aspectos, tais como o biológico, o psicológico, o social, o cultural dentre outros, o que resulta em modelos teóricos diferentes, com

ramificações variadas, por conta do ponto de vista e da metodologia adotados para tais aspectos.

De um ponto de vista sociocultural, as línguas são concebidas como fenômenos históricos produzidos coletivamente cuja aquisição individual se dá nas relações cotidianas, pelo compartilhamento de experiências comuns ao grupo. Como fenômeno socio-histórico, se situam no tempo e no espaço geográfico, sendo constituídas a partir das relações entre os indivíduos em sociedades, que são comumente diversificadas e ou estratificadas, razão pela qual as línguas são tanto sistemas formais, altamente complexos, como também representações dos conceitos, valores e as relações que permeiam a realidade social, o que também resulta em constante variação e mudança nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico que constituem as línguas. Sobre o nível lexical, Biderman (1996), observa:

o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras - os signos linguísticos. (BIDERMAN, 1996, p. 27-28)

O nível léxico diz respeito ao conjunto de vocábulos ou de termos de uma língua (DUBOIS *et al.*, 1998) e se encontra em constante renovação, devido atender a necessidade humana de nomear o mundo, de forma que inovações na realidade e na mentalidade social podem resultar em novos itens lexicais ou no uso de mesmos itens com significados novos. Portanto, num grupo social, o uso de termos atuais, a conservação de termos antigos (arcaísmo) e a criação de novos termos (neologismo) têm a ver com as escolhas do grupo relacionadas às suas experiências e necessidades do passado e do presente, de forma que, embora se falando uma mesma língua num mesmo território, dificilmente se encontrará os falantes utilizando uniformemente o mesmo repertório léxico ou utilizando o mesmo léxico com o mesmo significado.

É o que se pode constatar nas sociedades estratificadas e ou em países de grande extensão territorial que abrigam falantes de uma mesma língua. Nessas circunstâncias, é fácil encontrar o fenômeno de variação linguística nos diversos níveis, e, sobretudo, no nível léxico, justamente pela diversidade de grupos, que apresentam diferenças de crenças, valores, interesses, saberes, comportamentos, atitudes, atividades, invenções, como também pela diferenciação geográfica,

que resulta em diferentes espécimes da natureza, contatos sociais, práticas, técnicas, hábitos e necessidades.

Por essa razão, por meio do léxico, é possível conhecer aspectos diversos da vida e da história de um grupo social, bem como é possível, por meio dos usos que o falante faz do léxico, como também dos demais níveis da língua, atribuir-lhe uma identidade geográfica e ou social.

Os estudos linguísticos, neste aspecto em particular, entende que as diferenças dentro de uma mesma língua caracterizam o que se denomina *dialetos* ou *falares regionais* ou *sociais* que são objetos de estudo da Dialectologia e da Sociolinguística.

Câmara Jr. define dialetos da seguinte forma:

Línguas de pequenas regiões, através de um território lingüístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúnem todas numa língua comum. Os dialetos são a rigor conjunto de falares que concordam entre si por certos traços essenciais." (CÂMARA JR, 1986, p.115).

Conforme Dubois et all. (1998, p. 265-266), algumas definições de falar fazem distinção entre o *falar social* e o *regional*: falar é um sistema de signos e regras combinatórias delimitado por um espaço geográfico estreito, isto é, restrito a um ponto dado, no qual o status social dos falantes é indeterminado. Aqui se nota uma definição que busca caracterizar o *falar regional*. Noutra definição, o *falar* é a utilização da língua, numa de suas formas, por um grupo social. Nessa forma da língua há regras que lhes são específicas, mas também partilha de traços linguísticos que são comuns aos demais falares da língua.

Para o termo *dialeto*, estes mesmos autores fazem a distinção entre *dialeto regional* e *dialeto social*. O dialeto social é usado por um grupo social, apresentando certas características linguísticas que caracterizam um dado grupo social. O dialeto regional por sua vez caracteriza uma dada região geográfica. Estas distinções remetem à distinção entre falar social e regional. Ferreira e Cardoso (1994, p. 16) ainda vão dizer que os “[os falares ou dialetos] mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras”.

Pelas definições acima, podemos entender que falar regional se insere, em um mesmo país num sistema de língua mais amplo, do qual se diferencia por aspectos linguísticos mais particulares, mas não se distanciando o suficiente para ser classificado como um sistema à parte, na verdade talvez seja possível

dizer que as semelhanças são muito mais frequentes do que as possíveis diferenças.

Câmara Jr (1986, p. 115) oferece uma complementação importante a esse respeito, afirmando que os falares se caracterizam, dentro de uma língua comum, por pertencer à *língua cotidiana oral* de forma que a língua escrita numa determinada localidade, em que vigora, nasce da língua comum¹, apresentando características do falar local, do que se conclui a existência de termos e expressões particulares típicos² que abrangem os diversos aspectos da experiência social, logo, da cultura local.

A cultura se constitui em um aspecto vida humana que mantém relações com vários outros da vida social, dentro os quais a língua, principalmente no que diz respeito aos usos que dela se faz. Embora bastante utilizado, o termo *cultura* abrange um campo variado de significação que tanto pode referir-se ao conhecimento erudito de um indivíduo quanto ao conjunto de saberes e práticas de um grupo social.

Etimologicamente, conforme vemos em Cunha (1997), o termo cultura apresenta algumas acepções, dentro as quais, *ato, efeito ou modo de cultivar*. Conforme Taylor (apud Laraia: 2000, p. 25), o termo significa em seu sentido etnográfico, antropológico, “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou capacidades e hábitos adquiridos pelo homem dentro de uma sociedade”. Enfim, cultura pode ser entendida como os saberes e as práticas que constituem a vida do indivíduo adquiridos no relacionamento com os demais do mesmo grupo social.

Noutras palavras, cultura indica modelos de comportamento social dos costumes, das crenças e instituições adquiridos não só pela experiência do homem em sociedade, mas repassados por intermédio da linguagem, em sentido amplo, e, em particular, das línguas.

Assim, se o conhecimento da língua, como um comportamento, pelo indivíduo, sendo ele membro de um grupo social, se dá por meio da transmissão cultural, igualmente, os outros conhecimentos socialmente produzidos são adquiridos, em grande escala, por meio da língua. Isso demonstra a relação intrínseca entre língua e cultura.

¹ A língua comum é caracterizada como aquela que abrange todos os falares na base um sistema de oposições linguísticas fundamentais, comuns a toda uma nação, superpondo-se à língua cotidiana, e dela distinguindo-se pela constância e nitidez nos aspectos fônicos, gramaticais e maior riqueza vocabular.

² O que pode incluir brasileirismos; empréstimos; neologismos lexicais, sintáticos, semânticos; arcaísmos.

Entretanto, se a relação entre língua e cultura é admitida pelos estudiosos da linguagem, o quanto essas dimensões se acham relacionadas é algo que gerou diversas controvérsias. Entretanto, em comum há o reconhecimento de que falar uma língua é algo que confere identidade ao falante, pois se pode atribuir características ao um indivíduo – quanto à origem geográfica, classe social, grau de instrução etc.- e até conferir-lhe juízo de valor, conforme os usos que ele faz da língua.

Isso só é possível, por ser uma língua um fenômeno cultural, historicamente relacionada a um determinado grupo social e a tudo que significa, seu aprendizado se dá no compartilhamento de experiências comuns, sendo o principal meio de interação nas sociedades humanas, não apenas no presente, mas através das gerações, entendendo que a língua é parte constitutiva da cultura ao mesmo tempo em que a cultura a constitui.

Como já dissemos antes, o léxico é o nível da língua que mais se presta a compreender a história, os modos de organização dos grupos sociais (. Assim, ao assumirmos a diversidade linguística como uma condição inerente ao funcionamento das línguas, firmemente relacionada aos grupos que a utilizam e se entendermos que é no nível lexical da língua, sendo o mais dinâmico e representativo, que se revelam as práticas e visões de mundo de um determinado grupo social, podemos então estudar o léxico de um grupo social ou de uma região como uma das formas de se compreender a sua formação social e cultural.

Nessa perspectiva, é que criamos o projeto de pesquisa *Aspectos do falar regional marabaense: linguagem popular em autores de Marabá*, iniciado em 2011, no âmbito do OLISPA³ (Observatório de Linguagem do Sul e Sudeste do Pará), consoante o pressuposto de que há relação intrínseca entre língua, cultura e sociedade, conforme esboçamos anteriormente.

Com o objetivo de elaborarmos um vocabulário que reflita a linguagem regional ou o falar marabaense, propomos uma pesquisa sobre ocorrências lexicais nas obras de autores marabaenses que possam ser caracterizadas como formas e expressões próprias⁴ da linguagem local, tanto no aspecto morfossintático quanto no semântico, pois como discutimos antes, a linguagem de um grupo necessariamente reflete seus conceitos, valores, modos de vida

³ Criado em 2003 e registrado como grupo de pesquisas no diretório do CNPQ em 2010. Desde sua criação, temos implementado pesquisas linguísticas com o objetivo de investigar fenômenos de variação linguística e temas afins.

⁴ No sentido que entendemos *falar* ou *dialeto* anteriormente discutido.

que podem ser expressos de forma diferenciada, inovadora, o que permite distinguir um “falar” ou “dialeto”.

No caso de textos escritos, e mesmo literários, embora busquem se aproximar da língua comum e padrão, é possível encontrar marcas linguísticas que estejam estreitamente relacionadas à língua local, especialmente no campo lexical, que é o nível da língua que mais refrata a experiência social da qual o autor faz parte e a que muitas vezes quer retratar como forma de afirmação da identidade local ou mesmo inconscientemente, de maneira que se podem identificar em suas obras aspectos históricos sendo tema ou pano de fundo dessas obras expressas de um modo característico a essas experiências.

A região Sudeste do Pará, especialmente Marabá, ao longo de sua formação sociocultural, cujos primórdios remontam final do século 19, tem passado por eventos de grande impacto a partir dos anos 1970, tais como a abertura de estradas como a Transamazônica; a descoberta de garimpos como Serra Pelada, os grandes projetos como a construção de hidrelétrica de Tucuruí, a instalação da mineradora Vale do Rio Doce, além dos vários ciclos econômicos baseados a extração do caucho, a coleta de castanha-do-pará, a pecuária, a extração do ouro, de madeira e mais recentemente a explosão do agronegócio. Todos esses eventos, que acarretaram migrações, mudanças de atividades econômicas e comportamentos, inovações de técnicas, trouxeram grandes transformações sociais e culturais que certamente podem ser percebidas nos usos da linguagem em diversos aspectos, especialmente no léxico, e isso possivelmente pode ser observado nas obras de autores da região.

Há em Marabá, um grupo de autores que, embalados pela ideia de garantir espaço para a cultura local por vias literárias, tem se empenhado em produzir obras que versam sobre temas da região⁵, com pouco ou nenhum apoio oficial. Essa preocupação se refletiu ainda no início do século passado, quando em 1925, foi criada a Academia Marabaense de Letras, e na sequência duas revistas literárias: Marabá e Itatocan, já extintas. Esse esforço inicial pode ser confirmado pela nova formação da Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraenses, criada em 2008, da Academia de Letras de Marabá, em 2016, das quais um dos membros fundadores é o Sr. João Brasil Monteiro cujas obras são objeto de nossa pesquisa.

⁵ A maior parte deles tem seus trabalhos publicados com recursos próprios ou, algumas vezes, com ajuda de empresários ou políticos da região. A impressão normalmente é feita por pequenas gráficas locais.

2 A PESQUISA

A cidade retratada na obra de João Brasil Monteiro, Marabá, situa-se na mesorregião Sudeste do estado do Pará, distante a 500 km da capital, Belém. Sua população atual é de habitantes 275.086 ⁶, distribuída numa área total de 11.273 km². A história do município é marcada pelos vários ciclos econômicos e os consequentes fluxos migratórios, responsáveis pela diversidade da população atual. A primeira grande leva de migrantes deve-se à chegada de maranhenses, goianos e piauienses à região, devido à descoberta de matas de caucho no início do século XX. Esta descoberta tornou a região uma das maiores produtoras de látex do mundo e possibilitou a criação de um pequeno núcleo do qual se originou a cidade, sendo o município oficialmente instalado em 05 de abril de 1913. Com o declínio do látex, seguiu-se o período de extração da castanha-do-pará, levando Marabá a tornar-se um importante centro comercial. Em 1937, teve início um novo ciclo de exploração determinado pela exploração de diamantes, período também marcado por grande prosperidade econômica.

A construção da rodovia Belém-Brasília, em 1960, e de outras estradas, elevou consideravelmente o contingente populacional para algo em torno de 20.089. A abertura da Transamazônica ampliou ainda mais o acesso permitindo a chegada de mais indivíduos e empresas atraídos pela política governamental de desenvolvimento da Amazônia. Em 30 de outubro de 1970, o município foi declarado *Área de Segurança Nacional*, como consequência do conflito armado conhecido como Guerrilha do Araguaia. Nos anos seguintes, iniciativas de grande porte, tais como a construção da Hidrelétrica de Tucuruí e a criação do Programa Grande Carajás, expandiram ainda mais as potencialidades da região elevando a população para 59.915 habitantes. Em 1980, a descoberta do garimpo de Serra Pelada, a 100 km da cidade, atraiu uma massa humana em tempo recorde, de forma que, em 1988, a população já ultrapassava o número de 90 mil habitantes (cf. MATTOS, 1996). Os migrantes instalados em toda a região passaram a exercer diversas atividades, a maioria ligada à exploração da terra, como agricultores, pecuaristas, madeireiros e carvoeiros. Estas ocupações envolveram uma problemática altamente complexa que resultou na devastação da floresta, no confronto entre grandes e pequenos proprietários e entre estes e as populações indígenas (cf. Reynal, s. d.). Atualmente, a cidade conta serviços essenciais básicos e uma ampla via de acesso através de malha viária, além de

⁶ IBGE- 2018.

transporte ferroviário e aéreo. A principal atividade produtiva é a pecuária, além da mineração e da produção extrativa. O comércio local é bastante diversificado. Do ponto de vista econômico, pode-se dizer que a configuração atual diferencia-se bastante daquela promovida pela colonização, inicialmente orientada para o comércio de gado e para o garimpo. Como consequência dos sucessivos ciclos econômicos e do intenso fluxo migratório, pode-se dizer que Marabá, bem como toda a região Sudeste do estado, constitui-se num grande mosaico de identidades culturais.

O autor cuja obra pesquisamos, João Brasil Monteiro nasceu em 25 de maio de 1926, em Altamira (PA), mas chegou com sua família ainda criança a Marabá (PA) em 1932. Nessa cidade, cresceu, estudou até o 3º ano colegial e ainda adolescente começou a trabalhar como ajudante em oficinas de barcos que trafegavam nos rios da região fazendo o transporte de produtos como a castanha do Pará. Já mais velho, assumiu o trabalho de condutor de barcos, por décadas, cuja experiência retrata em suas obras. Foi também político, sendo eleito, por 3 vezes, como prefeito e vereador nas cidades de Itupiranga, Nova Ipixuna e Jacundá, próximas a cidade de Marabá.

Sua obra literária se inicia por volta dos anos 1990 (algumas obras não têm data), a última publicada em 2011, totalizando 11 obras. Bastante ativo no período, ele atuou ativamente para a criação da Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraense⁷, sendo seu presidente de honra. Suas publicações tem caráter memorialístico, pois buscam retratar a história da cidade em seu processo de formação⁸, desde sua fundação em 1913 até a década de 1980.

Nossa pesquisa se concentra em três de suas obras: O Castanheiro - 2001, O Garimpeiro – 2004, Mair-Aba, Coração de Mãe – 2006. O critério para identificação dos vocábulos levou em consideração seu uso para referir-se a aspectos naturais, sociais e culturais da região, além de seu conservadorismo ou inovação (neologismo), de modo que identificamos inicialmente 11 campos semânticos (em revisão) que reportam à natureza e à experiência da vida social, cultural e econômica de Marabá em épocas passadas. A organização do

⁷ Em 2009, o escritor foi reconhecido nacionalmente como Mestre da Cultura Popular Brasileira, no projeto Ação Griô, desenvolvido pelo projeto Galpão de Artes de Marabá (GAM).

⁸ Obras: “Fique Por Dentro”; “Viagem ao Tocantins, Araguaia e Itacaiúnas”; “O Castanheiro”; “Marabá, Caminhos das Águas”, “Biografia do Mestre Barata”; “Mair-Aba, Coração de Mãe”; “Pegadas de um Paraense”; “Do Capotão ao Poliuretano”; “A morte é, ou não a última palavra?”; “História de Itupiranga e de Sua Gente”.

vocabulário apresenta os verbetes em ordem alfabética, em campos semânticos, com as respectivas informações gramaticais, definições e remissivas, para tanto utilizamos a ferramenta computacional Lexique Pro que permite construir dicionários digitais em sua plataforma. As definições são elaboradas levando em consideração o próprio texto, o contexto histórico, as definições e informações fornecidas pelo próprio autor, além de consultas a obras sobre a história local, como a de Mattos (2013), e dicionários de língua, como o de Houaiss (2009), e regionais, como o de Atzingen, (2014).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o momento já foram identificados cerca de 600 itens lexicais, distribuídos em 11 campos semânticos⁹. A título de ilustração, apresentamos alguns desses vocábulos, da obra “O Castanheiro”, como a seguir:

Aviamento (s. m): equipamentos e suprimentos comercializados e transportados pelos barcos, durante a coleta de caucho e de castanha.

Bago (s.m): semente da castanha do Pará.

Batelões (s.m): grande barca para transporte de carga pesada, especialmente do caucho e da castanha do Pará, impulsionada a varas.

Burgo (s.m): nome dado à primeira povoação da região, às margens do rio Tocantins, que deu origem a Marabá, instalada em 1895, pelo Coronel Carlos Leitão, juntamente com cerca de 100 pessoas vindas do norte do Goiás, com o nome de “Burgo Agrícola do Itacaiúnas”, onde se vivia de roças e de criação de gado.

Cafundós do Judas (s.m): expressão utilizada para referir a um lugar distante, no caso, as matas para onde se dirigiam os trabalhadores para a extração do caucho.

Capital da Castanha (s.f) Alcunha dada a Marabá em virtude de seu pujante comércio de castanhas do Pará.

Castanheiro (s.m): Trabalhador da extração da castanha, no período de coleta.

⁹ Acidente geográfico; alimentação e cozinha; atividades profissionais; convívio e comportamento social; fauna e flora; fenômenos naturais; instrumentos de navegação; localização geográfica; objetos e Materiais; Saúde; Vida urbana.

Caucheiro (s.m): trabalhador na extração do caucho, no final do século 19 até a década de 1920, quando a borracha entrou em declínio comercial. Os caucheiros eram homens vindos do Maranhão e do norte do Goiás, Piauí e outros estados.

Municípios (s.m): trabalhadores temporários nos castanhais devolutos, os quais, no final da safra da castanha, voltavam aos seus municípios.

Ouriço (s.m.): Fruto da castanha do Pará, de casca dura e grossa, do qual se extraía as sementes.

Paneiro (s.m): Espécie de cesta, feita de palha, onde se colocava o *ouriço*.

Porcos d'água (s.m): Trabalhadores das embarcações que transportavam produtos e passageiros de Marabá a demais localidades, pelos rios Tocantins e Itacaiúnas.

Quindangues (s.m): localidade com a qual se deparou Francisco Coelho em seu percurso para a região, localizada à "calha rasa" do Rio Itacaiúna, a cerca 120 km da margem; (adj.) morador dos quindangues.

Rancho (s.m): suprimentos alimentícios básicos, como farinha de puba, rapadura, carne seca e arroz, fornecido, pelo patrão ao trabalhador, o castanheiro, no período de coleta, que era descontado de seus ganhos.

Tropas de burros (s.m): Grupo de animais (mulas e burros) usados para transportar castanhas, no interior dos castanhais, de dentro das matas até os pontos de armazenamento.

CONCLUSÃO

Neste artigo, apresentamos uma pequena amostra de termos encontrados em obras de um autor marabaense, considerando que esses termos podem ser representativos do falar local. No nível linguístico, a pesquisa nos leva a conhecer melhor a obra de um autor local, sua linguagem, suas escolhas lexicais, as suas criações, bem como a variedade de língua portuguesa usada no Sudeste Paraense, tanto de hoje quanto a de certos momentos históricos, uma vez que encontramos vocábulos não mais usuais no momento presente dessa variedade.

Com isso, nos podemos também conhecer a formação sócio-histórica dessa região e seu modo de organização social passado e atual, reconstituídas a partir das memórias de um autor local. Assim, entendemos que este trabalho

soma-se a muitos outros no sentido de contribuir para a compreensão das relações entre língua, cultura e sociedade em nosso país.

REFERÊNCIAS

- ATZINGEN, N. V. *Vocabulário regional de Marabá* 2 ed.: Fundação Casa da Cultura de Marabá, 2014
- BIDERMAN, M. T. C. *Léxico e Vocabulário Fundamental*. Revista Alfa, 40; 27 A 26, 1996. Disponível em http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/17_18/004.pdf. Acesso em 04/mar/2019.
- BRASIL, J. *O castanheiro*. Marabá: edições do autor, 2001.
- CÂMARA JR., J. *Dicionário de Lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- DUBOIS, Jean et alli. *Dicionário de Lingüística*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- HOUAISS, A. VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MATTOS, Maria Virgínia B. de *História de Marabá*. 2 ed. Fundação Casa da Cultura de Marabá, 2013.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: **XX/XX/XXXX**.

Aprovado em sistema duplo cego em: **XX/XX/XXXX**.